

Eliane Bio

O CORPO NO TRABALHO DE PARTO

O resgate do processo natural
do nascimento



**summus
editorial**

O CORPO NO TRABALHO DE PARTO
O resgate do processo natural do nascimento
Copyright © 2015 by Eliane Bio
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Indicação editorial: **Angela Santos**
Capa: **Alberto Mateus**
Imagem de capa: **Hope II, Gustav Klimt (Google Art Project)**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Ilustrações: **Caroline Falcetti**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio > 9

Apresentação > 11

Introdução > 13

CAPÍTULO 1 A fisiologia da mulher e a natureza do feminino > 21

A natureza do feminino > 24

Natureza feminina e identidade > 28

CAPÍTULO 2 A potência da mulher > 31

O trabalho de parto > 33

Estimulando a potência feminina > 37

Mulheres de ontem e de hoje em trabalho de parto > 39

CAPÍTULO 3 O corpo da mulher > 49

Corpo, sexualidade e parto > 54

O corpo no trabalho de parto > 60

CAPÍTULO 4 A experiência da mulher > 67

Conhecer o trabalho de parto > 71

Viver o trabalho de parto > 78

CAPÍTULO 5 O acompanhamento do trabalho de parto > 103

A equipe obstétrica > 105

O acompanhante da parturiente > 107

O pai como acompanhante > 108

As doulas como acompanhantes > 109

A fisioterapeuta no trabalho de parto > 111

Avaliação da mobilidade pélvica > 114

A linguagem verbal e a linguagem corporal no trabalho de parto > 118

PREFÁCIO

NÃO POSSO DEIXAR de expressar minha satisfação ao prefaciar esta obra – não só pela relevância do tema abordado para o campo da assistência à saúde da mulher como pelo reconhecimento e pela admiração que nutro por sua autora, a colega Eliane Bio, que tem um histórico profissional desbravador na fisioterapia voltada à obstetrícia.

Aqui, ela coloca à disposição da comunidade científica e leiga o fruto de sua experiência de anos atuando na prática clínica, somada à sua vivência acadêmica na área. A obra trata de um tema de grande importância e vai muito além de uma abordagem meramente biológica. O corpo feminino e o parto são considerados em suas dimensões amplas, humanística e de gênero, e entendidos como potência exclusivamente feminina.

O movimento pela humanização obstétrica perpetrado pela Organização Mundial de Saúde identificou que os avanços técnico-científicos não foram acompanhados de melhores indicadores obstétricos no mundo de modo uniforme. Diante do reconhecimento do excesso de intervenções, incluindo as cesáreas, preconiza-se atualmente que todas as ações propostas para a mulher em trabalho de parto sejam refletidas e consideradas em sua relação risco-benefício, à luz das melhores evidências científicas disponíveis. Um aspecto essencial desse movimento é resgatar a capacidade feminina de ser agente ativo do próprio processo de parturição. Em sintonia com a humanização da assistência obstétrica, esta obra destaca a gestação e o trabalho de parto como oportunidades para uma experiência diferenciada de percepção corporal, potência feminina e gratificação.

Nesse sentido, o planejamento conjunto do parto pela gestante e pelo(a) obstetra/equipe obstétrica parece um caminho bastante adequado para o resgate da autonomia, ainda que distante da realidade de milhares de mulheres brasileiras. A leitura deste trabalho renova a es-

perança de criar-se uma nova cultura em nosso meio, na qual o parto vaginal possa ser preferencial, permitindo que os fenômenos fisiológicos se manifestem num contexto seguro para a mãe e o bebê. É isto que defende a autora: a convergência entre ciência e humanismo. Dessa forma, o corpo feminino é compreendido e descrito, com grande sensibilidade, como espaço de transformações, poesia e realizações – e não como mero receptáculo.

Nessa perspectiva, os métodos não farmacológicos no acompanhamento do trabalho de parto são quase sempre recursos fisioterapêuticos de baixo risco e com alto potencial de contribuir para a autonomia, a mobilidade, o alívio de dor e a satisfação com o parto.

Eliane aborda ainda o papel do fisioterapeuta na equipe obstétrica, oferecendo sua *expertise* no diagnóstico cinético-funcional e na utilização de recursos fisioterapêuticos não só na gestação como no trabalho de parto. As competências desse profissional são elencadas em meio às atribuições da equipe multidisciplinar, proporcionando esclarecimentos não só aos profissionais de saúde que prestam assistência obstétrica, mas também aos gestores da área e às mulheres.

O livro terá também destaque na formação dos fisioterapeutas que atuam na área e pretendem se dedicar a auxiliar parturientes a despertar/utilizar seus recursos biomecânicos e sensoriais somados às ferramentas de que a fisioterapia dispõe. Mais do que isso, considero que o livro levará a comunidade científica e leiga a refletir a respeito da força e, ao mesmo tempo, da fragilidade da mulher em trabalho de parto. Sua leitura contribuirá para a construção de uma assistência obstétrica que considere as múltiplas dimensões femininas, aliando cuidado, segurança, acolhimento e estímulo à feminilidade.

Profa. dra. Cristine Homsy Jorge Ferreira

Docente do curso de Fisioterapia da
Faculdade de Medicina da USP (Ribeirão Preto)

APRESENTAÇÃO

APRESENTAR ELIANE BIO é um privilégio para quem, como eu, acompanhou um pouco de sua trajetória de 38 anos como fisioterapeuta.

Durante todo esse tempo, ela esteve vinculada ao ensino e, sobretudo, à prática clínica voltada para a saúde da mulher – mais especificamente, o acompanhamento pré-natal e a preparação para o parto. Sua dissertação de mestrado concluída em 2007, *Intervenção fisioterapêutica na assistência ao trabalho de parto*, sistematizou todo o seu conhecimento.

A visão de Eliane vem de modo contundente opor-se à cultura médica atual, pró-cesariana com dia e hora marcados, que leva as mulheres a adotar comportamentos cada vez mais passivos, esquecendo a importância do próprio corpo na gestação e no grande momento do nascimento.

Assim, este livro é fruto de grande dedicação e perseverança na pesquisa, na prática clínica e na convicção, adquirida no acompanhamento de um grande número de mulheres, de que o trabalho de parto pode ser uma experiência de prazer. A autora reflete o grande amor pelo tema, a confiança nas mulheres e no privilégio que a maternidade constitui.

Os capítulos são construídos de forma clara e educativa, mostrando a importância da atenção ao corpo no trabalho de parto. O livro destina-se, assim, tanto a gestantes como a mulheres que desejam engravidar. Dirige-se também aos fisioterapeutas, mostrando-lhes a grande importância de sua orientação e participação nesse processo.

Tenho plena certeza de que esta obra fará toda a diferença tanto para as mulheres como para os profissionais de saúde envolvidos na assistência ao parto.

Prof. dra. Amélia Pasqual Marques

Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da USP

INTRODUÇÃO

Num percurso íntimo e profissional, chega um momento em que se tem vontade de ir ao essencial [...] Acontece também que o essencial para uma mulher surge como aquilo que se partilha com outras mulheres.

JÚLIA KRISTEVA¹

POR QUE ESCREVER UM LIVRO? Para quê? Para quem? Questões inevitáveis quando se inicia um projeto ou um sonho desse porte.

Neste nosso tempo marcado pela quantidade e velocidade das informações – e, portanto, pela atualização dos conceitos –, o risco de o conhecimento registrado tornar-se ultrapassado é muito maior. Quando o tema é o trabalho de parto, os conceitos e a assistência clínica se atualizam também no contexto sociocultural de cada grávida e no curso da evolução da história.

Embora a gravidez e o parto sejam fenômenos universais, as escolhas e a experiência em torno do parto são particulares em cada cultura e singulares para cada mulher.

As mudanças históricas das últimas décadas conduzem-nos à mulher do século XXI, mais livre que suas antepassadas, com direito ao prazer sexual antes proibido, conquistando a capacidade do gozo outrora negado, explorando seus desejos e capacidades além do espaço doméstico-privado e com um horizonte existencial mais amplo, que não envolve só sua identidade como mãe. A maternidade tornou-se escolha e não destino.

No decorrer desse processo, porém, a imutável fisiologia feminina permanece: a produção ovariana para renovar e perpetuar a vida e o espaço uterino do vazio sagrado. Sagrado porque tem o poder de abri-

gar uma nova vida. Sagrado porque gerar vida representa uma força humana além do corriqueiro. Sagrado porque é potência que pertence exclusivamente à mulher.

Da reflexão entre o que muda e o que permanece no universo feminino, nasceu este livro.

Mudanças em múltiplas direções constituem o fluxo da evolução e da renovação da vida, e, nesse sentido, a conquista de um novo papel social da mulher e a liberação de aspectos reprimidos da sexualidade feminina deram-se em paralelo com a ampliação dos conhecimentos sobre a fisiologia do parto, desfazendo mitos e orientando novos procedimentos obstétricos.

Entre os partos domiciliares, assistidos por parteiras desde a Antiguidade, e os hospitalares da obstetrícia atual, observam-se mudanças e permanências. Porém, à medida que o parto se tornou um procedimento médico, foi-se fazendo crer que o saber da mulher sobre sua fisiologia seria menor do que o saber científico, gerando uma relação de dependência infantil da paciente com seu obstetra.

Ao longo das últimas quatro décadas, a assistência ao parto foi maciçamente medicalizada e institucionalizada com a introdução de tecnologias, exames complementares e equipamentos para rastrear e prevenir riscos ao binômio materno-fetal, paralelamente a um comportamento cada vez mais passivo da mulher e a um gradual “desaprendizado” em relação aos saberes do próprio corpo. A famosa dor do parto é hoje controlada ou eliminada pelos recursos farmacológicos de analgesia e anestesia², mas, por outro lado, a mulher perdeu o controle ativo do nascimento. A via natural de parto passou a ser tema de discussão e questionamentos, fazendo emergir representações sociais que associam o parto normal à imprevisibilidade e a riscos, elevando vergonhosamente os índices de cesáreas em nosso meio.

O Ministério da Saúde considera o excesso de cesarianas uma epidemia: 84% dos partos na rede privada são feitos por essa via. Na rede pública, o índice é de 40%. Para a Organização Mundial de Saúde, o índice deveria girar em torno de 15%.³ Em janeiro de 2015, o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) esta-

beleceram normas para estimular o parto normal e diminuir a taxa de cesarianas desnecessárias. Entre as medidas aprovadas estão: a obrigatoriedade do cartão da gestante na rede privada; a divulgação, pelos planos de saúde, de seus índices de cesáreas e de partos normais; e o uso do partograma, documento gráfico em que constam todas as informações sobre a evolução do trabalho de parto.⁴

Apesar dessas medidas, a assistência ao parto, marcada pela racionalidade científica, desafia a reflexão consciente e merece uma compreensão ampliada que possa medir e discriminar tanto os benefícios trazidos pela aplicação de novos procedimentos quanto o risco do uso excessivo das intervenções tecnológicas.

Entre mudanças e permanências, é certo que a experiência do parto está diretamente ligada ao futuro da vida reprodutiva da mulher e traz um grande espectro de repercussões definitivas para seu desenvolvimento psicosssexual.

Nesse sentido, o nascimento e o trabalho de parto, apesar de serem experiências ancestrais, trazem para o contemporâneo o desafio de pensar múltiplos aspectos a ser integrados: as avaliações médicas objetivas para a desejável segurança da mãe e do bebê podem respeitar as percepções subjetivas, não menos importantes, sobre os significados que cada mulher atribui à experiência do nascimento; o saber da ciência sobre os aspectos biológicos do parto podem integrar-se aos aspectos emocionais de cada mulher e a seu saber, apesar de leigo; os parâmetros e procedimentos voltados para o corpo biológico e biomecânico podem coexistir com a atenção ao corpo sensorial e motor, ao corpo erógeno, sexual e histórico.

O corpo é um tema central quando se discutem gravidez e parto. Ele fica evidenciado nas preocupações estéticas, nas exigências físicas e adaptações orgânicas, na mudança da imagem corporal, nos conflitos com novas sensações e emoções ao longo da gravidez, nas demandas trazidas pelo parto.

O corpo sempre foi – e é – o território onde se inscrevem os valores da cultura, considerando ou inibindo gestos, permitindo ou proibindo comportamentos.

O corpo grávido é a expressão objetiva de uma mulher que se prepara para ser mãe, expressão de um desejo – ou, antes, da potência da mulher para gestar um novo ser, de “fazer gente”. Durante a gravidez, é receptividade e criatividade; no trabalho de parto, é um instrumento ativo; no pós-parto, é dedicação e nutrição.

O corpo no ciclo gravidez/parto/puerpério é poesia, “aquilo que eleva, comove e inspira”. Esse poema-corpo é escrito em nove meses, sofre mudanças estruturais no parto e se compõe novamente no acolhimento do recém-nascido. Toda mulher faz poesia quando engravida.

O texto poético escrito no corpo de uma mulher nessa fase da vida não pode ser lido rapidamente, como impõe a aceleração do tempo em nossa época; não pode ser lido somente com lentes das mulheres de épocas passadas, não pode ser interpretado de modo superficial com protocolos científicos e parâmetros tecnológicos impessoais. É poema concreto que fala do tempo, da renovação da vida, do futuro do mundo.

No trabalho de parto, é possível observar claramente que o corpo é o território onde se entrecruzam os fatores fisiológicos universais, os traços psicológicos individuais e as particularidades de cada cultura. Cada grávida traz valores familiares e tradições herdadas, saberes e crenças determinantes na relação com o próprio corpo e na direção de suas escolhas. Os aspectos culturais encontram os sinais fisiológicos esperados no trabalho de parto (contrações regulares, dilatação), estimulando sensações corporais que, por sua vez, desencadeiam emoções diversas dentro da dinâmica mental e do amadurecimento psicológico individual (medo, confiança, desconfiança, aceitação, fuga, entrega, irritação). Assim, favorecer e estimular a aproximação com o corpo desde a gestação ampliam a consciência da mulher para as demandas que o trabalho de parto fará à interação corpo-mente-emoção.

O fato de ter consciência da função corporal no trabalho de parto e das exigências psicomotoras impostas pela fisiologia do parto envolve a mulher numa atitude ativa em relação à sua capacidade para trazer seu filho ao mundo.

O trabalho de parto, especialmente, representa para a mulher um período único e riquíssimo em aprendizados inusitados do corpo e de

si mesma, na experiência de potência do corpo e de suas capacidades, na vivência de ser mulher. Por isso, parece-nos fundamental que ela seja estimulada e ajudada a entrar em trabalho de parto, que a via de nascimento não seja decidida *a priori* e que ela reconheça no próprio corpo os sinais que indicam o fim do tempo de gestar.

Nessa perspectiva, estamos nos referindo à importância do parto vaginal como via de eleição para o nascimento, sem deixar de reconhecer que situações de risco para mãe e bebê fazem surgir a necessidade de cesárea. Por isso também o trabalho de parto é essencial, pois obstetra e mãe acompanham juntos condições que podem levar à indicação de cesárea. Permitir que a fisiologia do trabalho de parto se manifeste leva a escolhas de procedimentos que se façam necessários, conduz a decisões mais seguras e fortalece a participação da mulher no processo. Assim é que o cuidado nessa etapa propicia o bom nascimento, seja qual for a via de parto possível em cada circunstância.

É fácil observar que, entre nós, a cultura médica atual é pró-cesárea, ainda que o saber científico indique que tal procedimento cirúrgico, sobretudo antes de iniciado o trabalho de parto, aumenta o risco de sofrimento respiratório no recém-nascido e tem riscos e consequências para a mulher.

Sabemos que as cesáreas bem indicadas fazem parte do cuidado obstétrico e muitas vezes salvam a vida da mãe e do bebê – como na elevação da pressão arterial durante a gravidez e no trabalho de parto (pré-eclâmpsia), nas situações de sofrimento fetal, nas desproporções entre a bacia da mãe e o tamanho do bebê, na má posição do bebê para a saída, na parada da dilatação etc. Uma cesárea bem indicada e bem conduzida pode oferecer melhores condições de saúde para a mãe e o bebê que um parto vaginal traumático ou de risco.

Mesmo sabendo que o Brasil tem a maior taxa de partos cesáreos do mundo, a preferência pelo parto vaginal tem cada vez mais prevalência entre nós. Temos observado um aumento da demanda de parto normal, sobretudo entre mulheres que utilizam o sistema de saúde privado. É nítida a crescente busca de quartos de parto nas maternidades particulares (*delivery-room*), do parto domiciliar/casas de parto de organizações não governamentais ligadas à maternidade ativa.

Entretanto, não basta ter preferência pelo parto normal, pois o trabalho de parto exige a estrutura psicossomática da mulher, sendo por isso necessário que ela se prepare corporalmente durante a gestação e receba acompanhamento durante o processo de nascimento do bebê.

Dessa convicção, vinda da experiência clínica como fisioterapeuta, é que procuro aqui propor novas possibilidades para as mulheres em trabalho de parto, com orientações que libertem a ela e a seu corpo, afastando esse momento tão especial das ideias de dor e sofrimento inevitáveis.

Tendo acompanhado, ao longo de quase 40 anos de prática clínica, milhares de mulheres, aprendi que o trabalho de parto pode ser uma experiência de prazer. Assim, procuro sistematizar e demonstrar a ação psicomotora que torna mais fácil o processo do nascimento.

Essa concepção inclui a presença do fisioterapeuta no trabalho de parto. Apesar de não ser uma prática estabelecida no nosso meio, a exemplo de países desenvolvidos, a inserção desse profissional na equipe obstétrica é um recurso terapêutico para instrumentalizar e mudar o comportamento da mulher. Por meio de seu olhar técnico e de seus instrumentos terapêuticos, o fisioterapeuta pode melhorar ou corrigir a estrutura musculoesquelética da parturiente para as demandas que a esperam. Os conhecimentos atuais da fisiologia osteomuscular e da ligação neural cérebro-corpo-emoção-músculos criam novos caminhos para ajudar a mulher a agir sobre o próprio corpo em trabalho de parto.

No Brasil, a atuação do fisioterapeuta tem sido dirigida sobretudo ao período pré-natal, mas não ao acompanhamento da parturiente em maternidade; as experiências são isoladas, com pacientes de clínica privada ou em maternidades-escola.

Assim é que este livro também se destina aos fisioterapeutas interessados em atuar nesse campo. A técnica e os recursos apresentados aqui são resultado do conhecimento construído na prática clínica e na convicção de que a presença desse profissional é necessária, terapêutica e pode trazer grandes contribuições à assistência ao parto.

Assim, os capítulos aqui presentes foram construídos visando esclarecer minhas ideias sobre o trabalho de parto e a boa ação do corpo.

O primeiro deles, “A fisiologia da mulher e a natureza do feminino”, reflete sobre os atributos femininos nesta era de eclosão das biotecnologias, infiltrando na subjetividade da mulher contemporânea novos enunciados sobre gestação e parto.

No Capítulo 2, “A potência da mulher”, discuto o poder que a mulher carrega e pode exercer sobre si mesma. A apropriação da potência do feminino é analisada no panorama atual sobre o trabalho de parto, na assistência intervencionista, no excesso de medicalização e no abuso de cesáreas. Comparando as mulheres de ontem e de hoje, questiono o que se ganhou e o que se perdeu na potência do feminino.

O Capítulo 3 aborda o corpo da mulher na perspectiva das múltiplas dimensões presentes na sua organização corporal que se entrecruzam no trabalho de parto. Saliento a importância de o corpo ser visto além da sua materialidade física e biológica, devendo ser compreendido como uma construção da cultura e como campo da experiência pessoal. Reflito também sobre a relação entre corpo, sexualidade e parto, tentando ampliar a discussão sobre a maternidade associada ao corpo erótico e ao prazer sexual feminino. Faço, ainda, uma releitura da famosa dor do parto e aponto instrumentos para conquistar mais prazer durante o processo.

O Capítulo 4 trata especificamente do trabalho de parto enquanto mecanismo, chamando a atenção para o valor dessa experiência para o desenvolvimento do feminino. Abordo as fases da evolução do processo, os fatores de risco e os procedimentos terapêuticos possíveis. Aposando-se dessas informações e orientações, a mulher consegue desenvolver recursos próprios para se entregar à experiência pessoal sem se opor ao processo fisiológico.

Já o capítulo final discute diferenças nas competências da equipe multidisciplinar que pode acompanhar a mulher em trabalho de parto. Salienta a ação específica do fisioterapeuta, detalhando os princípios da coordenação motora e a avaliação fisioterapêutica durante o trabalho de parto, mas não impede que outros profissionais de saúde nem as grávidas se beneficiem da leitura.

Ao final do livro, espero que fique clara minha convicção de que o trabalho de parto pode promover e preservar a experiência feminina de

construção da maternidade; que seu acompanhamento deve ser guiado para estimular a liberdade da mulher e suas escolhas; que o corpo ocupa o centro do processo do trabalho de parto; que dar à luz um bebê é um acontecimento sexual e se inscreve na potência do feminino, permitindo ao corpo manifestar a poesia do nascimento.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CLÉMENT, C.; KRISTEVA, J. *O feminino e o sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 7.
2. Analgesia: diminuição da sensação de dor. Anestesia: retirada da sensação de dor. Segundo a opção do obstetra, podem ser usadas peridural, raquianestesia ou raqui-peridural.
3. DELLA BARBA, M. “Tabu alimenta ‘epidemia’ de cesáreas no Brasil”. BBC Brasil, 21 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150119_cesarea_epidemia_mdb_1k>. Acesso em: 19 mar. 2015.
4. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2015/janeiro/06/ApresentaPARTO-06-01-15.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

Capítulo 1

A fisiologia da mulher e a natureza do feminino

*“Tenho fases, como a lua
Fases que vão e vem
num secreteo calendário.”*

CECÍLIA MEIRELLES¹